



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v21i00.8674556>

Relato de Experiência

“Quem é esse negro na senzala?”: Por uma educação antirracista nas aulas de Capoeira

*“Who is that black man in the slave quarters?”:
For anti-racist education in Capoeira classes*

*“¿Quién es ese negro em la Senzala?”:
Por una educación antirracista em las clases de Capoeira*

Jacqueline Rodrigues Cecchetto¹ 

Luana Monteiro¹ 

RESUMO

Objetivo: O presente trabalho busca apresentar reflexões sobre a análise da prática de uma professora de Capoeira e sua ação pedagógica em uma escola, como atividade extracurricular, a fim de desvelar o corpo-capoeira docente e suas potencialidades pedagógicas. **Metodologia:** O percurso metodológico teve como base a Análise da Prática, como um dispositivo de reflexão e construção de saberes, fundamentado em pressupostos da Autoetnografia. **Resultados e discussão:** As ações docentes foram descritas e analisadas de acordo com o roteiro reflexivo: descrever (o que faço?), informar (como faço?), confrontar (por que faço dessa maneira?) e reconstruir (como posso fazer diferente?). As brincadeiras nas aulas de Capoeira podem contribuir para a reprodução de estereótipos em torno no negro, da escravidão e da própria Capoeira enquanto arte-luta. O exercício de reflexão, impulsionado a partir das falas e expressões das crianças nas aulas de capoeira, possibilitou desvelar caminhos escolhidos na docência e saberes constitutivos da prática, de modo a recalcular a rota de aprendizagem. **Considerações Finais:** Torna-se imperativo ao docente que desenvolva seu trabalho de forma crítico-reflexiva, através de dispositivos de análise de prática, para contribuir para uma educação crítica e antirracista.

Palavras-chave: Capoeira. Escola. Autoetnografia. Prática de ensino. Educação. Antirracismo.

¹ Universidade Estadual Paulista, Departamento de Educação, Rio Claro-SP, Brasil.

Correspondência:

Jacqueline Rodrigues Cecchetto. Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, Rua do Patrocínio, 716, Centro, Itu - SP, CEP 13300-200. Email: cecchettojacqueline@gmail.com



ABSTRACT

Objective: The present article aims to present reflections on the analysis of the practice of a Capoeira teacher and her pedagogical action in a school, as an extracurricular activity, in order to reveal the capoeira teaching body and its pedagogical potential.

Methodology: The methodological path was based on Practice Analysis, as a device for reflection and construction of knowledge, based on assumptions of Autoethnography.

Results and discussion: The teaching actions were described and analyzed according to the reflective script: describe (what do I do?), inform (how do I do?), confront (why do I do it this way?) and reconstruct (how can I do it differently?). Games in Capoeira classes can contribute to the reproduction of stereotypes surrounding black people, slavery and Capoeira itself as a fighting-art. The reflection exercise, driven by the children's speeches and expressions in capoeira classes, made it possible to reveal the paths chosen in teaching and the knowledge that constitutes the practice, in order to recalculate the learning route moving towards a critical and anti-racist education.

Conclusion: It is imperative for teachers to develop their work in a critical-reflective way, through practice analysis devices, to contribute to critical and anti-racist education.

Keywords: Capoeira. School. Autoethnography. Teaching practice. Education. Antiracism.

RESUMEN

Objetivo: El presente trabajo busca presentar reflexiones sobre el análisis de la práctica de una profesora de Capoeira y su acción pedagógica en una escuela, como actividad extracurricular, a fin de revelar el cuerpo-capoeira docente y sus potenciales pedagógicos. **Metodología:** El percurso metodológico tuvo como base el Análisis de la Práctica, como um dispositivo de reflexión y construcción de saberes, basado en la Autoetnografía. **Resultados y discusión:** Las acciones docentes fueron descritas y analizadas de acuerdo com el itinerario reflexivo: describir (¿lo qué hago?), informar (¿cómo hago?), confrontar (¿por que hago de esa manera?) y reconstruir (¿cómo puedo hacer diferente?). Los juegos em las clases de Capoeira pueden contribuir a la reproducción de estereotipos sobre los negros, la esclavitud y la propia Capoeira como arte-lucha. El ejercicio de reflexión, impulsado por los discursos y expresiones de los niños em las clases de capoeira, permitió revelar los caminos elegidos em la enseñanza y los conocimientos que constituyen la práctica, para recalculer la ruta de aprendizaje hacia una educación crítica y antirracista. **Conclusión:** Es imperativo que los docentes desarrollen su trabajo de manera crítico-reflexiva, a través de dispositivos de análisis de prácticas, para contribuir a la educación crítica y antirracista.

Palabras clave: Capoeira. Escuela. Autoetnografía. Práctica docente. Educación. Antiracismo.

INTRODUÇÃO

Nas atuais discussões sobre a formação de professores, tornou-se imperativo os estudos sobre a realidade escolar e o trabalho docente. Como aprendem a ser, sentir, agir e a intervir como profissionais do ensino? (Novoa, 2017). Nesse sentido, práticas reflexivas coletivas ou individuais, exercícios de autoanálise da ação pedagógica, relatos reflexivos convergem com o propósito de evolução da formação docente e para o alcance do efetivo processo da profissionalização dos professores.

Nessa seara, o presente trabalho apresenta um relato de experiência de uma professora de Capoeira sobre sua prática pedagógica, especificamente na Educação Infantil, em uma escola privada do interior do Estado de São Paulo.

Compreende-se neste texto o conceito de corpo-capoeira de acordo com o proposto por Castro Júnior (2010, p. 24), como “expressão utilizada para se referir [...] aos dispositivos usados para a produção de narrativas e de conhecimentos”. O ensino da Capoeira, enquanto atividade curricular e extracurricular, e os usos do corpo nessa prática corporal, podem contribuir para a reprodução de significados culturais e estereótipos (Soares, 1992) ou, a partir de uma prática docente reflexiva, ressignificar e reconstruir saberes, contribuindo para uma formação crítica e antirracista (Gomes, 2006; Mwewa, 2022). A adoção de uma postura investigadora da própria ação pedagógica se torna imprescindível para repensar e reconstruir caminhos a serem trilhados – o currículo –, pelo próprio docente e pelas crianças. Ademais, considerando a ação pedagógica como um trabalho interativo, dialógico, para contribuir para o olhar à prática docente relacionamos a perspectiva das crianças diante à proposta da professora.

Assim, objetivamos a partir de um relato de experiência como instrumento de análise de prática, apresentar reflexões sobre o papel das escolhas de uma professora na ressignificação de saberes sobre a Capoeira e sua prática na escola como atividade extracurricular, a fim de desvelar o corpo-capoeira docente e suas potencialidades pedagógicas.

Esse relato de experiência se justifica como um meio de tornar público o ofício privado de uma professora (Cochram-Smith, 2012), afim de contribuir com o coletivo na divulgação de práticas que possam promover o ensino da Capoeira, de modo que também contribua para a construção e consolidação de um currículo antirracista na escola.

Para esse exercício reflexivo, tomamos como base metodológica Análise da Prática (Tardin; Souza Neto, 2021; Chiquito; Souza Neto, 2019; Wittorski, 2014), como um dispositivo de reflexão e construção de saberes sobre do fazer docente (Tardif, 2014), no ensino dessa arte-luta.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

O mote que desafia a construção desse relato da prática *O que pode o corpo-capoeira docente enquanto promotor de aprendizagens e ressignificação de saberes, em prol de uma educação antirracista na Capoeira?* advém da observação docente sobre o posicionamento de crianças que demonstraram preconceitos em torno da escravidão e do ser negro durante as aulas de Capoeira.

Ao observar a rejeição das crianças como a não aceitação da representação do personagem “escravo” em uma brincadeira infantil, um alerta foi despertado sobre os papéis sociais e questões raciais que circundam como estereótipos na sociedade. A esse respeito, o historiador Boris Fausto coloca que:

A escravidão foi uma instituição nacional. Penetrou toda a sociedade, condicionando seu modo de agir e de pensar. O desejo de ser dono de escravos, o esforço para obtê-los ia da classe dominante ao modesto artesão das cidades. Houve senhores de engenho e proprietários de minas com centenas de escravos, pequenos lavradores com dois ou três, lares domésticos com apenas um escravo. O preconceito contra o negro ultrapassou o fim da escravidão e chegou modificado a nossos dias”. (Fausto, 2001, p. 33).

Ademais, como destaca Mwewa (2022), a criança não nasce racista, mas aprende condicionantes sociais a partir da socialização familiar e escolar. As falas e expressões das crianças em ser o personagem “escravo” na brincadeira em uma aula de Capoeira, denotam que a rejeição do escravizado na construção da economia, da sociedade e cultura brasileira perpassa, além do desconhecimento e desvalorização da importância dessas pessoas, um preconceito construído e perpetuado culturalmente a partir das elites brancas. Nesse cenário, a necessidade de intervir no processo educacional para ressignificar essa concepção se tornou, portanto, evidente.

Em consonância com urgente demanda, torna-se imprescindível a reflexão sobre a perspectiva de um currículo escolar enquanto um território identitário: o “currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, *curriculum vitae*: no currículo se forja nossa identidade” (Silva, 2021). A Capoeira na escola enquanto atividade extracurricular - pois não está na grade oficial -, pode ser compreendida enquanto currículo, pertencendo ao percurso formativo do aluno.

As escolhas realizadas durante a prática pedagógica docente por sua vez também constituem o currículo, ao interferirem nas experiências dos sujeitos (professora e crianças) envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. O corpo-capoeira se torna currículo, pois pode ser compreendido enquanto território (Castro Júnior, 2010), no qual são desvalados usos e interpretações

que envolvem significados construídos culturalmente sobre o que é capoeira, o que significa ser negro, ter sido escravizado, o que é ser resistência.

Muitos dos trabalhos que visam fazer proposições para o ensino da Capoeira na escola são pautados em aspectos procedimentais – o que fazer –, conforme verificado por Chiquito, Silva e Sabino (2011), esquecendo ou deixando à margem os aspectos históricos originários da prática, bem como os condicionantes que contribuem para firmar posições e crenças sobre as práticas corporais na sociedade.

O corpo-capoeira docente, ao deixar os aspectos conceituais e históricos de fora de sua prática, pode assumir posição de reprodução de um estereótipo que nega a historicidade dessa arte-luta e consolida um “esbranquiçamento” da mesma, conforme destaca o pesquisador e sociólogo Alejandro Frigerio (1989): “[...] mascara-se a relação assimétrica de poder existente na sociedade e se justifica [...] a apropriação da arte de um grupo étnico por outro e a mutilação e perda da memória e da identidade desse grupo” (Frigerio, 1989, p. 95) ao discorrer sobre o processo de esportivização da Capoeira.

As leis e regulamentações que reconhecem a Capoeira como patrimônio (IPHAN, 2008; UNESCO, 2014; IPHAN, 2017) e que legitimam esse conteúdo no currículo escolar, como a Lei Federal nº. 10.639 (Brasil, 2003), também se constituem currículo, uma vez que são normativas e direcionam as escolhas dos professores e capoeiristas.

De acordo com Gomes (2006), o currículo e seu desenvolvimento somente se concretizam na interpretação, efetivação e reflexão sobre a prática docente. Para tal, é necessário abrir de mão de dispositivos que contribuam para a análise da prática pedagógica e a constituição profissional do corpo-capoeira docente. Por sua vez, a análise da Prática docente pode ser compreendida enquanto um dispositivo formativo (Tardin; Souza Neto, 2021; Chiquito; Souza Neto, 2019; Wittorski, 2014), importante para identificar os saberes mobilizados na situação de ensino-aprendizagem, para a consolidação desses saberes, rotinas e práticas (Tardif, 2014) e para verificar contribuições para o processo de desenvolvimento profissional docente (Novoa, 1997). Desse modo, constituindo o currículo – percurso – docente e discente no processo de ensinar e aprender.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este artigo se configura como um relato de experiência do ensino da Capoeira, fundamentado em pressupostos da Autoetnografia, que visa analisar a prática de uma Professora de Capoeira formada em Educação Física, para identificar os saberes mobilizados na situação de ensino-aprendizagem, verificar contribuições para o processo de desenvolvimento docente e estabelecimento de

conhecimentos e rotinas sobre o ensino da Capoeira. Dessa forma, desvelando o corpo-capoeira docente e suas potencialidades em torno da construção e consolidação de uma prática cidadã e antirracista.

De acordo com Ellis e Bochner (2000), os estudos auto etnográficos se constituem enquanto um gênero de escrita e pesquisa autobiográfico, o qual

Exibe múltiplas camadas de consciência, conectando o pessoal ao cultural. Os autoetnógrafos olham para frente e para trás, primeiro através de lentes etnográficas de grande angulação, focando para fora, nos aspectos sociais e culturais de sua experiência pessoal; depois, olham para dentro, expondo um eu vulnerável que é movido e pode passar, refratar e resistir a interpretações culturais² (Ellis; Bochner, 2000, p. 739, tradução da autora).

A autoetnografia enquanto metodologia tem sido utilizada e consolidada em estudos no campo da Educação Física (Rocha *et al.*, 2023; Rocha; Araújo; Bossle, 2018; Bossle; Molina Neto, 2009). Para estes autores, este método de pesquisa permite compreender e reconstruir o trabalho docente, o que corrobora com o desenvolvimento profissional (Novoa, 1997) e com a epistemologia da prática profissional docente (Tardif, 2014).

O relato de experiência, por sua vez, como narrativa científica (Daltro; Faria, 2019) se configura enquanto um dispositivo formativo:

Pressupõe-se no RE um trabalho de concatenação e memória, a elaboração de um acontecido que como vê seu relator, invocando suas competências reflexivas e associativas, bem como suas crenças e posições de sujeito no mundo. Então, o trabalho narrativo da singularidade no RE é sempre e invariavelmente um trabalho de linguagem. É importante notar que, através da linguagem, que afeta a singularidade diferentemente, de modo *extra* e *intrasingular* – *extra* porque o código de linguagem precede quem o utiliza, e *intraporque* será, por meio de sucessivas operações, realizadas por cada um, a necessária condição e medida para poder se falar “eu” – o eu, posto de formas distintas, advém como um relevante dispositivo de formação da experiência. (Daltro; Faria, 2019, p. 226).

Consideramos que os dispositivos no processo de profissionalização da prática docente são ferramentas que possibilitam a transformação dos sujeitos envolvidos, a partir da problematização de suas experiências postas em diálogos com repertórios formativos, assim como descreve Oliveira (2011, p. 180):

O dispositivo passa a ser entendido como qualquer lugar/espço no qual se constitui ou se transforma a experiência de si, um

² [...] displays multiple layers of consciousness, connecting the personal to the cultural. Back and forth autoethnographers gaze, first through an ethnographic wide-angle lens, focusing outward on social and cultural aspects of their personal experience; then, they look inward, exposing a vulnerable self that is moved by and may move through, refract and resist cultural interpretations (Ellis; Bochner, 2000, p. 739).

movimento em que o sujeito está implicado. Implica consigo, implicando-se a partir dos outros e implicando com os outros. O diferencial que encontramos no acréscimo da questão do dispositivo está na inscrição da pessoa no lugar formativo como alguém que se coloca, experimenta-se, não participa passivamente, ouvindo teorizações sobre experiências produzidas por outros, mas (re)visita seus repertórios formativos, problematizando-os também na escuta do outro. (Oliveira, 2011, p. 180).

Os diferentes dispositivos mobilizados nos processos de formação possibilitam, de forma individual ou coletiva, a resignificação da ação, a partir do desenvolvimento de uma lógica de reflexão sobre a ação. Proporcionam a transformação de práticas em conhecimentos, que quando compartilhados, constituem novos conhecimentos para o trabalho docente (Wittorski, 2014).

Constituímos o relato com base nas premissas de Ortiz (2005), Chiquito e Souza Neto (2019) e Tardin e Souza Neto (2021). As ações docentes serão descritas e analisadas de acordo com o sugerido por Smyth (1992): descrever (o que faço?), informar (como faço?), confrontar (por quê faço dessa maneira?) e reconstruir (como posso fazer diferente?), contribuindo para o processo de reflexão sobre a prática e consolidação de saberes.

Na etapa da “Descrição”, o(a) Professor(a) deverá descrever o que faz, utilizando para isso diários de bordo, planilhas de controle, etc, com sua própria linguagem, colocando em sua narrativa aspectos significativos de suas ações, situações de intervenção que provocaram inquietações, afim de organizar seus saberes e sua tomada de decisões diante das situações vivenciadas em situação de trabalho. Ao descrever suas ações, ao mesmo tempo o(a) Professor(a) estará informando – de forma inconsciente ou não – os princípios que embasaram suas ações, significando-as, explicando os porquês de agir de determinada maneira (Chiquito; Souza Neto, 2019; Tardin; Souza Neto, 2021). Estes princípios são fundamentados em situações complexas e particulares de sala de aula vivenciadas e desenvolvidas ao longo de seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Ao “confrontar”, o(a) Professor(a) deve se questionar sobre o que suas práticas dizem sobre suas suposições, valores e crenças, sobre de onde essas ideias surgiram e se arraigaram à sua prática. Smyth (1992, p. 299) destaca que “localizar ou situar o ensino em um contexto cultural, social e político amplo equivale a assumir um pensamento crítico sobre pressupostos subjacentes aos métodos e práticas da sala de aula”. Ao retratar sua própria forma de ensinar, Professores(as) são capazes de adquirir controle e responsabilidade sobre seu próprio trabalho. Dessa forma, o(a) docente aprende e se reconstrói como pessoa e profissional, alterando conceitos e visões e, a partir dessa reconstrução “pode alterar sua prática, compreendendo que o ensino não é uma realidade imutável, definida pelos outros, mas contestável na sua essência” (Ortiz, 2006, p. 5).

O contexto deste relato de experiência se dá nas aulas de Capoeira como

atividade extracurricular em uma escola da rede privada de ensino, localizada em um município do interior do Estado de São Paulo, a 70 quilômetros da capital. Especificamente, o relato condiz com o trabalho desenvolvido no ano de 2022, em uma turma de 23 alunos da Educação Infantil, entre 4 e 5 anos.

Esta escola está localizada em um bairro nobre da cidade, ao lado de um condomínio de alto padrão e do shopping da cidade. Atende pessoas da classe alta, residentes em condomínios de luxo e bairros elitizados, com grande poder aquisitivo, o que é constatado através de conversa com as crianças para conhecer onde moram, nas vestimentas dos pais das crianças e carros de luxo na saída do colégio, objetos e sapatos de grife das crianças. Muitas crianças faltam durante o período letivo para viajar com as famílias (a maior parte delas para viagens internacionais, com destino à Disney, o que é constatado a partir de relatos da coordenadora da Educação Infantil e professoras de sala).

A maior parte das crianças são brancas, com sobrenomes europeus, salvo um garoto com traços orientais. A escola possui poucos estudantes negros, e estes não fazem aula de capoeira, portanto, não são participantes deste relato. Há apenas uma professora negra no quadro docente da escola, a professora de Educação Física do Ensino Fundamental I.

Esse objeto investigativo não foi submetido ao sistema de Comitês de Ética em Pesquisa/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CEP/Conep), pois se enquadra nos casos de trabalhos que têm dispensa prevista no bojo da Resolução CNS nº 510, de 7 de abril de 2016 – artigo 1º, parágrafo único, conforme estabelecido nos itens 6 e 7 das diretrizes (Brasil. CNS, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao iniciar a análise da prática pedagógica, é importante ressaltar o perfil formativo da Professora em questão, a qual é uma das autoras dessa narrativa autobiográfica: possui a graduação de Monitora na Escola de Capoeira a qual pertence (corda verde e branca), tendo iniciado sua formação em Capoeira no ano de 2002, conquistando a primeira graduação – batizado - em 2003 (corda verde). É Licenciada em Educação Física em uma universidade pública no Estado de São Paulo, com o título de Mestre em Ciências da Motricidade e, no momento da escrita, cursava o Doutorado em Educação.

Sua inserção na carreira como Professora de Capoeira na Educação Infantil ocorreu em 2006, estando ainda na graduação em Licenciatura em Educação Física³. Como Professora de Educação Física, inicia a docência na Educação Infantil

³ De acordo com a APELAÇÃO CÍVEL Nº 000651526.2004.4.03.6100/SP e 2004.61.00.0065153/SP, TRF 3ª Região, o CREF/SP está impedido de exigir registro e fiscalizar as pessoas físicas e jurídicas não registradas que atuem com **artes marciais, capoeira, dança e ioga**.

em 2011, portanto, estando atualmente entre os estágios de estabilização e diversificação propostos por Huberman (1995).

Para este autor, o docente que se encontra no estágio de diversificação busca “novos estímulos, novas idéias, novos compromissos. Sente a necessidade de se comprometer com projetos de algum significado e envergadura; procura mobilizar esse sentimento, acabado de adquirir, de eficácia e competência” (Huberman, 1995, p. 40).

O estágio de diversificação geralmente acontece após uma certa estabilização na carreira, na qual há a tomada de responsabilidade e um comprometimento definitivo com a profissão, um sentimento de pertença a um corpo profissional e afirmação de suas posições e escolhas profissionais: “Neste sentido, estabilizar significa acentuar seu grau de liberdade, as suas prerrogativas, o seu modo próprio de funcionamento” (Huberman, 1995, p. 40).

Ambas as fases citadas são precedidas da inserção na carreira docente (Huberman, 1995), na qual há muitas inseguranças em relação ao agir docente, os professores ainda não consolidaram rotinas e práticas pedagógicas e lidam com a incerteza constantemente. Importante ressaltar que não há uma linearidade nos estágios de desenvolvimento da carreira, podendo estes variarem de acordo com as experiências vividas no contexto escolar e da vida pessoal de cada docente.

Assim, o relato de experiência (Daltro; Faria, 2019) corresponde a um fragmento do universo da prática pedagógica constituída ao longo do processo formativo e de desenvolvimento profissional, e a análise de prática busca estabelecer uma interlocução com as ações e observações de aula enquanto um documento construído pela professora em fase de diversificação na carreira e, ao mesmo tempo, revelar aspectos subjacentes à aula em questão.

A análise, portanto, parte do olhar da professora-pesquisadora, do corpo-capoeira docente, embasando-se nas quatro ações de Smyth (1992) – descrever, informar, confrontar e reconstruir.

As etapas de análise foram definidas com a seguinte proposição:

DESCREVER O QUE FAÇO: QUAIS SÃO MINHAS AÇÕES?

As aulas de Capoeira na escola da qual advém este relato aconteciam após o período de aula curricular. Para a Educação Infantil, as aulas curriculares se encerravam às 16:30 e as extracurriculares tinham início às 17:30, com duração de, aproximadamente, uma hora. As crianças, nesse intervalo de tempo, comiam um lanche e esperavam para o início da aula na mesma sala.

Para esperar todos terminarem de comer, a professora e as crianças

sentavam em roda para tocar os instrumentos – pandeiro, agogô, atabaque, berimbau – e aprender uma nova música, sendo este o início da aula, na qual as crianças tinham a oportunidade de já se iniciarem na musicalização da capoeira, porém também funcionando como modo de organização da sala para o desenvolvimento das ações.

Assim que todos já estavam na roda, a professora contava uma história. Geralmente era realizada uma brincadeira para introduzir um personagem ou novo movimento para as crianças. Nesta aula historiada especificamente, foi contada a história dos escravizados que, para conseguirem chegar no quilombo, lugar de refúgio e resistência, seria preciso passar pela “caa-puera”, mata rasteira, fazendo movimentos rasteiros. Caso o capitão-do-mato os “pegassem”, deveriam ficar imóveis (na cocorinha ou outra esquiva) até que outro colega, também “fugitivo”, o salvasse (com um golpe de Capoeira, como a meia lua de frente ou de compasso).

Assim que todos conseguissem chegar no quilombo, a brincadeira se encerraria e daríamos início a outra atividade, geralmente um movimento específico da Capoeira realizado durante a brincadeira (a cocorinha, a meia-lua de frente, a meia lua de compasso, variações). Por fim, encerraríamos a aula, com a roda: as crianças tocando os instrumentos e cantando (o que aprenderam no início da aula) e gingando com os colegas e com a professora, fazendo os movimentos aprendidos na aula e outros, de modo que todos pudessem desenvolver as ações de jogar, cantar e tocar.

INFORMAR: QUAL O SIGNIFICADO DE MINHAS AÇÕES?

O jogo, enquanto elemento da cultura (Huizinga, 2004), reproduz discursos, podendo estes também significarem diferença e preconceito. Entendendo a Capoeira enquanto um jogo, uma brincadeira (de luta, de dança, de ludibriação), sendo esta, uma manifestação corporal de significado plural, e a atividade realizada na aula como um jogo, é possível inferir a Capoeira enquanto linguagem, pois seus gestos e rituais possuem significados, suas músicas retratam símbolos e sentidos, muitas vezes figurados, do que está acontecendo na roda e de sua constituição histórica. De acordo com Soares *et al.* (1992, p. 76)

A capoeira encerra em seus movimentos a luta de emancipação do negro no Brasil escravocrata. Em seu conjunto de gestos, a capoeira expressa, de forma explícita, a “voz” do oprimido em relação ao opressor.

Seus gestos, hoje esportivizados e codificados em muitas “escolas” de capoeira, no passado significaram saudade da terra e da liberdade perdida; desejo velado de reconquista da liberdade que tinha como arma apenas o próprio corpo.

Isso leva a entender a riqueza de movimento e de ritmos que a sustentam, e a necessidade de não separá-la de sua história,

transformando-a simplesmente em mais uma "modalidade esportiva.

As crianças nessa escola demonstravam compreender, a princípio, a capoeira enquanto prática corporal esportivizada (entretanto, sem saber que se trata de um esbranquiçamento da mesma), desconexa de suas origens e significados. Para elas, era uma luta, visto o interesse que demonstravam em querer aprender logo os golpes e por não gostarem de gingar, dizendo que era "chato". Desconheciam o negro "escravizado" como criador dessa arte e seu papel na construção da sociedade e não possuíam conhecimento suficiente para relacionar esta prática corporal como uma luta contra um sistema opressor.

A maior parte das crianças preferia ser o capitão-do-mato, quando se anunciava a brincadeira, havendo insistência em querer continuar brincando para que todos pudessem vivenciar o personagem. Quando a professora questionava "quem quer ser o capitão do mato na brincadeira?" a maioria começava a pular eufórica dizendo "Eu! Eu!". As crianças não gostavam de ser as "fugitivas", os "escravizados", conforme demonstravam ao fazer uma expressão de desdém quando não conseguiam o papel do "capitão do mato" na brincadeira.

Esse fato demonstrou certa aversão a esse personagem histórico. A hipótese levantada, a partir da análise das falas e expressões das crianças, foi que a brincadeira do "capitão do mato" estava contribuindo para a reprodução de um estereótipo. Foi preciso então pensar em outras histórias cujo nosso personagem central não fosse compreendido de maneira pejorativa; foi preciso trazer outras funções para este personagem nas brincadeiras.

Pensar a aula de Capoeira na Educação Infantil a partir de jogos e brincadeiras, além de aproximar a prática da cultura lúdica infantil, permite formular discursos no imaginário das crianças em torno do corpo-capoeira: um corpo que lutou para se libertar da opressão. Ao assumir o personagem, a criança se identifica com as características do mesmo, podendo dessa forma, desconstruir estereótipos em torno de sua representação, ao conhecer a história de constituição desses sujeitos e o que forjou a elaboração da prática corporal que ora aprendem.

Para que isso fosse possível, desde o início foi necessária a escuta atenta em relação ao que as crianças estavam percebendo e sentindo nas atividades, que representações estavam construindo, sendo sujeitos de direitos (Brasil, 1998; Sayão, 2002) e parte principal do processo de ensino e aprendizagem (Rau, 2012).

CONFRONTAR: COMO ME TORNEI ASSIM?

A professora em questão aprendeu Capoeira dentro de um método

bastante tradicional com seu Professor (que ainda não era Mestre naquela época): treinamento físico seguido de repetição de movimentos (dez movimentos para cada lado) e roda no final da aula. Este mesmo Professor, na época graduado Monitor de Capoeira, tinha uma vasta experiência prática com a modalidade e uma inteligência corporal-cinestésica inigualável. Era imbatível na Roda de Capoeira e na execução dos floreios.⁴

O mesmo ministrava aulas de Capoeira na escola na qual a professora fazia seu ensino médio, então, a mesma acompanhava as outras turmas e seu desenvolvimento. As aulas para as crianças pequenas, para os adolescentes e adultos seguia o mesmo formato: treinamento físico, execução de golpes, roda. Apenas os mais graduados poderiam tocar instrumentos e, no caso da Educação Infantil, as crianças que não estavam realizando o movimento naquele momento deveriam permanecer sentadas e observar.

Ao ingressar na Universidade, no curso de Educação Física no ano de 2004, a professora teve contato com diferentes vertentes teóricas em relação ao ensino do movimento – perpassando as concepções críticas de Educação Física – além de ter sido bolsista PAD (Programa Apoio Didático) na disciplina de Pedagogia do Movimento: Jogo, em 2005.

Teve a oportunidade de participar de uma formação oferecida por uma estudante de Doutorado em 2006, cuja pesquisa visava tratar dos aspectos pedagógicos do ensino da Capoeira na escola, dentro de uma perspectiva crítica, na qual foi possível conhecer alguns elementos históricos e personagens significativos para a construção da identidade negra na Capoeira⁵.

Também, por dificuldades em retornar para sua cidade de origem e participar dos treinos durante a semana, passou a frequentar o Projeto de Extensão em Capoeira na Faculdade na qual cursava em 2005, tendo contato com outro estilo de jogo, a capoeira “contemporânea”, cuja movimentação é diferenciada em relação ao jogo de Regional a que estava acostumada, basicamente em pé. Nesse novo grupo e com o novo Professor, formado em Educação Física, teve a oportunidade de acessar estudos e pesquisas voltados ao ensino da Capoeira.

No quinto semestre de graduação, tendo já optado pela Licenciatura em Educação Física, passa a ter contato mais direto com o ensino na Educação Infantil a partir do estudo teórico e vivências práticas oportunizadas pela Disciplina Educação Motora I no PRODECAD (Programa de Desenvolvimento e

⁴ Sobre o floreio na capoeira, ver: Pasqua, Livia de Paula Machado. *O floreio na Capoeira*. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

⁵ A pesquisa resultou na tese: Silva, Paula Cristina da Costa. *O ensino-aprendizado da Capoeira nas aulas de educação física escolar*. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

Integração da Criança e do Adolescente).

Essas informações são importantes para pensar como o currículo da Universidade – o percurso, desde algumas disciplinas específicas até as Ciências da Educação – influenciou e modificou os modos de ser e pensar a Capoeira desta professora, contribuindo para a constituição de seu corpo-capoeira docente de modo a procurar agir de forma crítica ao ensinar, buscando os porquês de se fazer de determinada maneira o movimento, tentando entender os processos de constituição históricos da modalidade e condicionantes sociais – questões relacionadas a gênero, relações de poder – quem pode tocar e cantar na roda, de forma a descentralizar essa hierarquia.

Para Tardif (2014), a prática docente compreende um amálgama de saberes, que são plurais e heterogêneos, são temporais, uma vez que se constituem e se ressignificam ao longo da carreira. Percebe-se na confrontação a origem desses saberes, bem como a sua ressignificação, uma vez que os saberes da experiência prática foram reformulados com a diversificação das experiências vividas em diferentes estilos de jogo, além dos saberes acumulados em anos de docência.

No exercício da docência, o saber experiencial foi ressignificado a partir dos saberes disciplinares, curriculares e das Ciências da Educação (Tardif, 2014), uma vez que a perspectiva de uma educação crítica permeou diferentes disciplinas cursadas ao longo da graduação em Educação Física, conformando um corpo-capoeira docente cada vez mais aberto a olhar para o próprio trabalho e repensar os caminhos aos quais suas práticas estavam levando a si e os alunos.

RECONSTRUIR: COMO POSSO FAZER DIFERENTE?

Nesta turma especificamente, o personagem “escravo” não foi percebido de forma positiva, sendo negado pelas crianças. A hipótese que surge é a de que a aula e a brincadeira estão colaborando para a reprodução de estereótipos. Para ressignificar essa compreensão, foi preciso pensar em outras histórias, com outros símbolos e significados, trazendo o negro escravizado enquanto protagonista, herói, para que não somente uma visão que subjuguava este personagem (como fugitivo) fosse vivenciada.

Assim, através das músicas de Capoeira, foi-se introduzindo um pouco da história da escravidão no Brasil e o papel que o negro assumiu na construção econômica e cultural da nação. Ao final do semestre, no seu “batizado”, momento no qual receberam sua primeira graduação (corda crua-ponta verde), as crianças apresentaram aos familiares e demais presentes uma dramatização (Sayão, 2002), a qual retratou desde a chegada do negro no Brasil até a abolição da escravatura. Esta linguagem diferente permitiu aproximar os

conhecimentos que foram elaborados juntamente com as crianças às famílias, para que, dessa forma, pudesse haver também uma mudança de perspectiva das mesmas em relação às aulas.

As músicas que contavam histórias na dramatização foram: "O navio Negreiro", de Mestre Camisa; "Quem é esse negro na senzala", de Mestra Ciça⁶, "Aidê negra africana", atribuída a Marquinho Coreba, "Dandara", de Mestre Barrão, "Ecoou um canto forte na senzala", atribuída a Edvander Oliveira e "Cangoma me chamou", atribuída a Clementina de Jesus.

As mesmas foram trazidas para as brincadeiras e jogos de representação das aulas, não necessariamente na ordem a qual foram apresentadas aqui neste relato, além da contação de histórias para que as crianças pudessem apreender um pouco da dimensão histórica da Capoeira em relação a suas origens (como e de onde vieram os negros, porque foram escravizados, como aconteceu a libertação, quais lutas precisaram ser travadas que isso ocorresse, quais personagens participaram desse processo).

Pensando que "a brincadeira, as interações e as diferentes linguagens são o eixo de todo o trabalho pedagógico quando atuamos na Educação Infantil" (Sayão, 2002, p. 60), foram pensadas atividades em diferentes espaços da escola, principalmente no parque, o qual possuía um gramado verde e amplo para que pudéssemos pensar a caa-puêra como a mata rasteira, bem como as fugas e rebeliões.

Algumas músicas trabalhadas nas aulas são características das rodas de Capoeira, escritas por Mestres e Mestras. As duas últimas pertencem aos cultos de umbanda, religião de matriz africana. Cabe ressaltar que essas músicas foram utilizadas nas aulas com a finalidade de construir uma identidade histórica sobre o negro escravizado, personagem central da história da Capoeira, com as crianças. Conhecer as músicas cantadas nessa religião foi importante também para ressignificar preconceitos em relação a essa prática.

Essas músicas em especial retratam o negro escravizado como herói, como valente e como pessoa humana, digna de valor e respeito, com enorme contribuição para a construção da sociedade. Também trouxeram o papel das mulheres nessa luta histórica de libertação.

Visto sob essa nova perspectiva, as práticas contribuíram para que as crianças tivessem compreensões despidas de preconceitos e conscientes sobre a história dos negros escravizados, que passaram a ser representados como heróis, pessoas que possuem suas histórias e culturas, e as mulheres negras

⁶ Esta música não está disponível de forma fonográfica, faz parte do repertório da "Escola de Capoeira Filhos da Coral", fundada pela Mestra Ciça (Maria Cecília Fulaz) em 2011, não sendo possível trazer as referências neste artigo.

como importantes personagens nessa luta pela libertação. Isso pode ser percebido a partir do interesse e empolgação demonstrados pelas crianças nas histórias dos personagens nas aulas (Aidê, Dandara, Zumbi dos Palmares), além de quererem representar esses personagens na apresentação final e demonstrarem grande satisfação em suas expressões e falas ao “derrotarem os inimigos”, capitães-do-mato e bandeirantes, personagens vivenciados nas brincadeiras.

Não se pode, claro, negar todo o sofrimento e violência vividos por esse grupo social. No entanto, a intenção foi trazer outra perspectiva de modo que as crianças pudessem ressignificar sua imagem inicial de um povo escravizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de uma base de conhecimentos constitui elemento fundamental para o reconhecimento dos professores como uma classe profissional. Ao mesmo tempo possibilita construir um processo de formação fundamentado nos conhecimentos que os futuros professores mobilizarão para atuar nos ambientes escolares, nos processos de ensino e aprendizagem.

Relacionamos à análise da prática como um importante dispositivo para a formação profissional, inicial e continuada, de modo que possibilita aos professores o reconhecimento de uma ação pedagógica constituída de conhecimentos especializados, produzidos e ressignificados por eles na relação com seu trabalho.

A partir do movimento reflexivo proporcionado pela proposta de Ortiz (2005), identificamos conhecimentos específicos aos professores, relacionados ao conhecimento do componente curricular, da organização curricular, da gestão da sala de aula e da didática e o conhecimento pedagógico do conteúdo e competências de diferentes dimensões. Sendo conhecimentos desenvolvidos na relação com os processos formação, com as experiências pessoais e profissionais em diferentes tempos e espaços na trajetória de uma das professoras autoras. Assim como foi possível inferir diferentes questões que constituem a carreira docente, o comportamento e a natureza do trabalho docente, em relação com os sujeitos do processo de ensino e aprendizagem, as crianças. Foi através da ausculta das falas e expressões das crianças que a professora em questão começou a refletir para transformar sua prática.

Embora representado a partir do relato de uma única professora, esse exercício buscou retratar a análise da prática como um dispositivo para reflexão sobre a ação, que dialoga com desenvolvimento de competências específicas relacionadas ao conhecimento e à prática profissional, de modo que possa fortalecer professores que necessitam diariamente refletir sobre sua prática,

para (des)privatizá-la e assim compartilhar seus conhecimentos entre pares e reafirmar sua profissionalidade. Como um movimento espelhado entre o singular e o coletivo.

Foi possível perceber neste relato que a prática docente foi orientada de modo a considerar a cultura lúdica infantil e o reconhecimento do negro escravizado na sociedade enquanto importante personagem de luta e construção da nação, tentando responder ao objetivo deste trabalho, de apresentar uma reflexão sobre o papel das escolhas de uma professora na ressignificação de saberes sobre a Capoeira e sua prática na escola como atividade extracurricular, a fim de desvelar o corpo-capoeira docente e suas potencialidades pedagógicas.

Nesse sentido, respondendo ao questionamento norteador deste artigo: *o que pode o corpo-capoeira docente, enquanto promotor de aprendizagens e ressignificação de saberes, em prol de uma educação antirracista na Capoeira?* Consideramos que as escolhas que os professores fazem em sala de aula, em seu planejamento e em suas atitudes refletem a visão de mundo que querem construir. O corpo-capoeira docente, enquanto promotor de aprendizagens e ressignificação de saberes, pode refletir sobre suas escolhas didáticas, a partir de um olhar sensível sobre os efeitos que suas práticas reverberam nos estudantes, crianças e jovens, trazendo outras referências, modificando o caminho-currículo a ser seguido, com a finalidade de ressignificar saberes, a fim de colaborar para uma educação antirracista na Capoeira, que não reproduza estereótipos e preconceitos.

Sendo assim, também respondendo à pergunta que dá título ao artigo, esse “negro na senzala” que a criança não quer ser na brincadeira é o povo que foi trazido e amordaçado involuntariamente, que sofreu e sofre violências físicas e simbólicas diariamente, que construiu e constrói a nação, que lutou e luta pela sua sobrevivência, libertação e preservação cultural, é um corpo-capoeira que se torna objeto de disputa dentro do campo educacional uma vez que cabe ao docente trazer a perspectiva histórica para as aulas e reconstruir imaginários e conhecimentos para desmistificar estereótipos e preconceitos.

O corpo-capoeira é um corpo que luta contra a opressão, que resiste às desigualdades, que nega seu rebaixamento, que ginga com os preconceitos e adversidades, que floreia e mandinga suas ações cotidianas, que se reinventa nas voltas do mundo: assim deve ser o trabalho dos professores que ensinam a capoeira: um corpo-capoeira docente **crítico-reflexivo**. Dessa forma, é possível pensar e contribuir para a promoção uma educação consciente, crítica, cidadã e, acima de tudo, antirracista.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autor, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

Jacqueline Rodrigues Cecchetto - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

Luana Monteiro - Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

REFERÊNCIAS

BOSSLE, Fabiano; NETO, Vicente Molina. No "Olho do Furacão": uma autoetnografia em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 31, n. 1, p. 131-146, set. 2009. Disponível em: <http://www.oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/639>. Acesso em: 23 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 20 nov. 2023.

BRASIL. Casa Civil. Lei Federal nº. 10.639, de 9/01/2003. Estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira no currículo da Rede de Ensino no Brasil. Brasília: Gráfica do Senado, 2003. Regionais de Educação Física. *Diário Oficial da União*,

Brasília, DF, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 23 ago. 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 24 maio. 2016. Seção 1, p. 44.

CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor. *Campos de Visibilidade da capoeira baiana: as festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1955-1985)*. Brasília: Ministério do Esporte, 2010.

CHIQUITO, Jacqueline Rodrigues; SILVA, Lucas Contador Dourado da; SABINO, Thércio Fábio Pontes. *Capoeira no contexto escolar: análise de publicações*. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Física Escolar) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

CHIQUITO, Jacqueline Rodrigues; NETO, Samuel de Souza. Análise da Prática como contribuição para o desenvolvimento profissional do professor de Educação Física. In: LINHARES, Wendell Luís (Org.) *A Educação Física em Foco 2*. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.

COREBA, Marquinho. *Aidê Negra Africana*. 1 vídeo (2min). 24 jul. 2021. Publicado pelo canal La Laue – Capoeira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CGkTM0j8IE0>. Acesso em 14 set. 2023.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43015>. Acesso em: 20 ago. 2023.

ELLIS, Carolyn; BOCHNER, Arthur. Auto ethnography, personal narrative, reflexivity: researcher as subject. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna (Eds.). *Handbook of Qualitative Research*. Sage Publications: Califórnia, USA, 2000.

FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2001.

FRIGERIO, Alejandro. Capoeira: de arte negra a esporte branco. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 4, n. 10, jun. 1989.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade cultural, currículo e questão racial: desafios para a prática pedagógica. In: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; SILVÉRIO, Valter Roberto (Orgs.) *Educação como prática da diferença*. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2006.

HUBERMAN, Michaël. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antônio. (Org.). *Vidas de professores*. Porto, Portugal: Porto, 1995. p. 31-78.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Parecer referente ao processo 01450.002863/2006-80, no qual se solicita registro da Capoeira enquanto*

patrimônio cultural do Brasil. Salvador, 15 jul. 2008. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Parecer%20Capoeira.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Salvaguarda da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres de Capoeira: apoio e fomento* (Cartilha). Coordenação e organização Rívia Ryker Bandeira de Alencar. Brasília: IPHAN, 2017. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Cartilha_salvaguarda_capoeira.pdf. Acesso em 20 ago. 2023.

JESUS, Clementina de. *Cangoma me chamou*. 1 vídeo (3min). 20 nov. 2014. Publicado pelo canal Sete Flechas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fj2u64XLptw>. Acesso em: 14 set. 2023.

MESTRE Barrão. *Dandara*. 1 vídeo (4min50). 23 maio 2018. Publicado pelo canal Marcos "Barrão" DaSilva – Tema. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PicMWN-q6i0>. Acesso em: 14 set. 2023.

MESTRE Camisa. *O navio negreiro*. 1 vídeo (3min). 24 ago. 2010. Publicado pelo canal Lobisomem Victor Lobisomem. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=td68lrr4k1o>. Acesso em: 14 set. 2023.

MWEWA, Christian Muleka; MATOS, Patrícia Ferraz de. Formação para uma personalidade antirracista: porque o racismo não nasce com a criança. *RIAEE– Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 17, n. 2, p. 1150-1168, jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/16987/13983>. Acesso em 23 ago. 2023.

NOVOA, Antônio. Formação de Professores e Profissão Docente. In: NOVOA, Antônio (Coord.) *Os Professores e sua Formação*. Publicações Don Quixote Instituto de Inovação Educacional: Lisboa, 1997.

NOVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. *Cad. Pesqui.* [online]. 2017, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, out/dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/WYkPDBFzMrzvnbsbYjmvCbd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 set. 2023.

OLIVEIRA, Edvander. *Ecoou um canto forte na senzala*. 1 vídeo (4min29). 13 maio 2014. Publicado pelo canal Sete Flechas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-8Rkq5hZ7s8>. Acesso em: 14 set. 2023.

OLIVEIRA, Valeska Fortes. Formação docente e dispositivo grupal: aprendizagens e significações imaginárias no espaço biográfico. *Educação*, v. 34, n. 2, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8703/6355>. Acesso em: 30 jul. 2023.

ORTIZ, Heloísa. M. O professor reflexivo: (re)construindo o "ser" professor. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO DO MOVIMENTO HUMANIDADE NOVA, EDUCAÇÃO A FRATERNIDADE: UM CAMINHO POSSÍVEL?, 4., 2005, Vargem Grande Paulista. *Anais...* Vargem Grande Paulista: Movimento Humanidade Nova, 2005. p.1-9.

PASQUA, Livia de Paula Machado. *O floreio na Capoeira*. 2011. 169f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2011.842367>. Acesso em: 23 ago. 2023.

RAU, Maria Cristina Trois Dorneles. *Educação Infantil: práticas pedagógicas de ensino e aprendizagem*. Curitiba: Intersaberes, 2012.

ROCHA, Leandro Oliveira; ARAÚJO, Samuel Nascimento de; BOSSLE, Fabiano. Autoetnografia, ciências sociais e formação crítica: uma revisão da produção científica da Educação Física. *Revista Internacional de Formação de Professores*, v. 3, n. 4, p. 168-185, out./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/RIFP/article/view/1148>. Acesso em: 11 ago. 2023.

ROCHA, Leandro de Oliveira; ARAÚJO, Samuel Nascimento de; COELHO, Márcio Cardoso; BOSSLE, Fabiano. Autoetnografia crítica na educação física escolar: do estudo da experiência cultural à construção da prática docente. *Movimento*, v. 29, e29025, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.122746>. Acesso em: 20 ago. 2023.

SAYÃO, Deborah Thomé. Infância, prática de ensino em educação física e educação infantil. In: VAZ, Alexandre Fernandes; SAYÃO, Deborah Thomé; PINTO, Fábio Machado. (Org.). *Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a prática de ensino em educação física*. Florianópolis/Brasília: Editora da UFSC/INEP, 2002.

SILVA, Paula Cristina da Costa. *O ensino-aprendizado da Capoeira nas aulas de educação física escolar*. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SMITH, Marilyn Cochran. A tale of two teachers: learning to teach over time. *Kappa Delta Pi Record*, v. 48, n. 3, p. 108-122, ago. 2012.

SMYTH, John. Teacher's work and the politics of reflection. *American Educational Research Journal*, v. 29, n. 2, p. 267-300, 1992. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1163369>. Acesso em: 20 ago. 2023.

SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; VARJAL, Elizabeth; CASTELLANI FILHO, Lino; ESCOBAR, Micheli Ortega; BRACHT, Valter. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 17. ed. São Paulo: Vozes, 2014.

TARDIN, Heitor Perrud; SOUZA NETO, Samuel de. Análise da prática na Educação Física: o plano de aula como reflexão crítica de um professor iniciante. *Revista Prática Docente*, v. 6, n. 2, e073, 2021. Disponível em: <http://doi.org/10.23926/RPD.2021.v6.n2.e073.id1267>. Acesso em: 10 ago. 2023.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION - UNESCO. Intangible cultural heritage. In: Decision of the Intergovernmental Committee 9. COM 10.8 Inscribe Capoeira Circle on the representative list of the intangible cultural heritage of humanity. Paris, 25 de novembro de 2014. Disponível em: <https://ich.unesco.org/en/decisions/9.COM/10.8>. Acesso em: 23 ago. 2023.

WITORSKI, Richard. A contribuição da análise das práticas para a profissionalização dos professores. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 44, n. 154, p. 894-911, out./dez.

2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053143039>. Acesso em: 15 ago. 2023.

*Recebido em: 15 set. 2023
Aprovado em: 17 nov. 2023*

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](#), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

